

A ATUAL LIDERANÇA FEMININA NAS IGREJAS EVANGÉLICAS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Janete Moura Teixeira; Débora Araújo Leal; Lídia Cristina dos Santos Almeida, Verônica Alves dos Santos Conceição.

*Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana. jannyfleur100@hotmail.com;
Centro Municipal de Educação Infantil Carlos Marinho Falcão. delleal8@hotmail.com; Universidade
Tiradentes (UNIT). veronica.alves604@gmail.com.*

Resumo: Este artigo é resultado de uma revisão de literatura que buscou compreender a importância da liderança feminina nas igrejas evangélicas na perspectiva de gênero. Para tanto, buscou-se as leituras de Machado (2003), Bíblia 2003, Mondoni (2006) e Edwrad (1996). Nesse processo destacou-se a importância de redefinir o papel da mulher para a efetiva liderança cristã. Com o intuito de subsidiar a discussão ora almejada foi utilizada uma pesquisa bibliográfica necessária ao fomento do saber sobre mulheres e lideranças cristãs. Nos resultados e discussões elencamos os ministérios que ocupam a mulher nas igrejas evangélicas primitivas e contemporâneas. Nas conclusões evidencia-se que a mulher com uma postura consciente, ou seja, autônoma, deve abandonar práticas bancárias de lideranças, pensar e agir com uma epistemologia fundamentada no processo de empoderamento feminino, o qual é dinâmico, contínuo, visando significações quanto ao fazer religioso com os processos de diálogo, objetivando uma igreja formadora de cidadãos críticos, reflexivos e autônomos, comprometidos com a sociedade de seu tempo.

Palavras-chave: Liderança Feminina, Igreja Evangélica, Gênero.

Introdução

A questão que se refere à mulher atuar em cargos de liderança dentro das igrejas evangélicas, sempre foi motivo de discussões, que advém desde o surgimento da igreja, porém atualmente tem ganhado grandes proporções, até mesmo causando divisões entre denominações. A origem de tais discussões e contradições deve-se ao fato da Bíblia, especificamente no Novo Testamento não trazer um padrão claro sobre a liderança dentro das igrejas. Mesmo assim as mulheres desde os tempos remotos ao cristianismo têm buscado e conquistado o seu espaço.

Segundo o dicionário etimológico de Machado (2003) a origem do vocábulo "igreja" está na palavra de origem grega *ekklesia* que significava simplesmente um ajuntamento do povo, convocado geralmente para fins políticos ou militares. Dessa palavra grega (*ekklesia*), resultou a palavra latina "ecclesia" que significava também um ajuntamento de pessoas e foi empregada em textos bíblicos do Novo Testamento¹ para designar o agrupamento dos

¹ A divisão cristã da Bíblia inclui o Novo Testamento, que conta com 27 livros, e o Antigo Testamento, que conta com 46 livros. A divisão cristã da Bíblia, AT e NT, em três grupos de livros (históricos, didáticos e proféticos) partem de uma visão global que situa a Palavra de Deus na vida dos fiéis, influenciando-a em todas as suas dimensões: *passado* (livros históricos), *presente* (livros didáticos) e *futuro* (livros proféticos).

primeiros adeptos do cristianismo. A palavra Igreja é citada no Novo Testamento em dois momentos, ambos no Evangelho² de São Mateus:

Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. (Mateus, 16.18). Se recusar ouvi-los, dize-o à igreja; e, se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano (Mateus, 18.17).

O vocábulo "igreja" encontra-se no Novo Testamento, em três diferentes significações, não obstante estejam associadas. O mais antigo emprego da palavra refere-se aos cristãos de uma casa, ou de uma cidade. Assim, no livro bíblico de Coríntios 1, cap. 10.32, tem-se: "Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus" (BÍBLIA, 2003, p. 1129).

No livro de Atos dos apóstolos capítulo 20:28, nota-se um sentido mais vasto, significando um agregado de igrejas por certo tempo em diferentes lugares, esta passagem de Atos, descreve-se, então: "Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue." (BÍBLIA, 2003, p. 1093). Neste sentido indicado pela Bíblia, depreende-se que igreja tem uma conotação mais ampla, não sendo apenas um local, de modo que, sua constituição se dá a partir do momento em que os chamados cristãos reúnem-se em virtude dos ensinamentos deixados por Jesus. Ainda neste âmbito, compreende-se a partir da passagem de Atos acima citada, que esta igreja precisava ter alguém para dirigi-la, cuidar dela e dos seus fiéis.

Amplia-se o significado do termo Igreja, desde o Cristianismo primitivo, datando três séculos (I, II, III e parte do IV da era cristã), que se iniciou após a morte de Jesus (ano 30 d.c.) até a contemporaneidade. Collins (2000). Preliminarmente, a abordagem acerca da igreja dos primeiros cristãos, faz-se necessário esclarecer que rememorando a história religiosa e institucional do Cristianismo, houve um período em que a igreja foi denominada de "igreja primitiva", referindo-se aos primeiros séculos de seu surgimento. De modo que, a igreja primitiva surge neste mesmo período (30 d.c.), Collins (2000), a designação "primitiva" serve apenas como uma nomenclatura para direcionar o início da era cristã e não como uma palavra que servisse como uma apresentação de uma igreja arcaica, pelo contrário é neste período que surge as primeiras comunidades cristãs, vivendo escondidas, mas em união total, todos continuavam firmes no ensino dos apóstolos.

²Todo o ensinamento de Jesus contido no Novo Testamento. Cada um dos quatro livros incluídos no Novo Testamento, que narram a vida, doutrina e ressurreição de Jesus.

Nesta constante, discorre-se de forma mais embasada acerca do surgimento da igreja e o contexto histórico³ da época do seu surgimento. Vale enfatizar que o primitivismo característico deste contexto histórico refere-se ao início da igreja criada para seguir os ensinamentos de Jesus, a qual é narrada no livro de Atos dos Apóstolos. Este primitivismo da igreja neste período caracterizou-se pelas ações/obras e peregrinações dos antigos seguidores de Cristo e daqueles que iam se juntando a estes no início da igreja quanto à evangelização: as primeiras curas, batismos, conversões, prisões e perseguições dos apóstolos, expansão missionária, etc.

Como vimos à igreja, aqui abordada, não diz respeito apenas a uma edificação, mas, sobretudo, a reunião de cristãos, a fim de realizar orações, viver e repassar os ensinamentos de Jesus Cristo, difundindo, assim, o Cristianismo, que surge no século I, na Palestina, expandindo-se rapidamente por todo o Mediterrâneo e, ao final do quarto século, foi reconhecido como a religião oficial do novo Império Romano ou Império Bizantino. Teve a sua gênese dentro da religião judaica, considerada a primeira religião monoteísta da história do Oriente Médio. Foi implantado e desenvolveu-se em ambientes greco-romanos, recebendo assim grande influência de ordem sociocultural e religiosa. De acordo com Hengel (1999, p. 9).

O cristianismo primitivo é uma religião sincrética com várias raízes. O judaísmo não foi o único berço do cristianismo primitivo, mas havia diversas outras correntes como o gnosticismo, religiões místicas gregas e orientais, magias, astrologia, politeísmo pagão, histórias de homens divinos (*theoi andres*) e seus milagres, filosofia helenista popular com a influência do culto pagão e não judeu, e também influência da imaginação e linguagem religiosa helenística na diáspora.

O autor sugere, então, que houve um processo interativo com outras religiões na constituição do Cristianismo, mesmo porque procedeu ao judaísmo e desenvolveu-se num ambiente greco-romano, ou seja, o Cristianismo sofreu influências até que fosse arquitetando suas próprias doutrinas. Nos primeiros tempos da igreja (30 d.c.), os seguidores de Jesus não viram a necessidade de desenvolver um sistema de administração, pois na época o cristianismo, ainda não tinha sido institucionalizada como religião oficial por Roma. Porém à medida que o tempo passava a igreja crescia com tanta rapidez que os apóstolos precisaram de auxílio em algumas questões práticas de administração eclesiástica, principalmente no atendimento às viúvas.

³ No livro dos Atos dos Apóstolos, São Lucas Evangelista descreve a história da Era Apostólica (Cristianismo Primitivo), período em que as comunidades se desenvolveram, descritas suas dificuldades nos arredores da Palestina e parte da Ásia menor. LINDBERG (2008).

Neste sentido, Tepedino (2002), esclarece que de acordo com a Lei judaica, a mulher viúva poderia retornar a casa dos pais (Gn. 38.11) ou casar-se novamente através do levirato (lei hebraica que obrigava um homem a esposar a viúva de um irmão quando do morto não houvesse herdeiro) (Rute 4.10). Como as esposas da época eram totalmente dependentes da providência do marido, a condição de viuvez era preocupante, pois resultava em pobreza e vulnerabilidade. No Novo Testamento, a viúva, *chêra* em grego, é um grupo de pessoas desamparadas, deste modo necessitada de cuidados. Um dos primeiros desafios enfrentados pela igreja cristã era o cuidar das viúvas, entre outras ações sociais. No livro de Atos cap. 6 diz que houve uma murmuração dos gregos contra os judeus, porque as suas viúvas eram desprezadas.

Com o intuito de resolver a questão da assistência aos necessitados em especial às mulheres viúvas os doze apóstolos: Pedro, André, Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, Simão, Judas e Judas Iscariotes, propuseram a escolha de sete varões, para se encarregarem da assistência material e social àqueles que necessitassem. Exigia-se que fossem os candidatos homens de “boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (At. 6.3), ou seja, teriam de ser homens que cuidassem tanto das necessidades físicas como das necessidades espirituais de muitíssimas pessoas. Deve-se observar, com base nessas palavras dos apóstolos, que a congregação, é que cabia o privilégio de fazer a seleção dos sete varões, embora os escolhidos devessem ser aprovados e consagrados pelos apóstolos. Observemos que nessa escolha não haveria mulheres, e também não teriam direito de escolha,

Porém, Tamez (2004), nos diz que Jesus não fazia distinção⁴ entre mulheres e homens. Segundo ele, existia uma ordem de vida diferente do modelo hierárquico no qual as mulheres da época estavam acostumadas. Talvez por isso, deixou-se cercar e ser seguido por mulheres, já que as mesmas eram discriminadas dentro do judaísmo, restabelecendo assim a dignidade perdida dentro de uma sociedade patriarcal. Não deixando de destacar que, a referida posição de Jesus quanto às mulheres, também poderia ter sido motivada pela proximidade de suas pretensões, ou seja, proteção das minorias e dos excluídos. Embora a autora direcione a sua fala as mulheres, essas faziam parte de um grupo de excluídos seja economicamente (pobres), socialmente (mulheres, crianças, prostitutas e doentes), politicamente (cobradores de impostos, revolucionários etc.), culturalmente ou religiosamente (soldados romanos, pagãos etc.)

⁴ Ou seja, mesmo inseridas numa sociedade patriarcal em que as mulheres eram concebidas como bens do chefe de família e inferiores, dentro do movimento de Jesus, não existia esta distinção.

As mulheres palestinas, no início do século I d.c., viviam afastadas da esfera pública e deviam exercer as virtudes do ideal de uma vida recolhida no interior da casa, ser uma boa mulher, um modelo para os filhos, dona de casa competente e prendada, sendo assim, suas funções restringiam-se à esfera doméstica e familiar, seu papel religioso estava restrito a cozer os pães e acender as luzes nas festas religiosas. (ALEXANDRE, 1993). Mesmo tendo vivido num tempo e cultura de fortes preconceitos contra a figura feminina, Jesus rompeu protótipos como, por exemplo, quando em certa ocasião ,conversou com uma mulher samaritana.

De um modo geral, as mulheres do oriente não tinham vida social e eram impedidas de participar de quase todas as atividades sociais. Segundo Jeremias (1986),

No Oriente, a mulher não participa da vida pública; o mesmo acontecia no judaísmo do tempo de Jesus, pelo menos entre as famílias judaicas fiéis à Lei. Quando a mulher saía de casa, trazia o rosto escondido por um manto, peça de pano dividida em duas partes, uma cobrindo-lhe a cabeça (espécie de couffieh de hoje), e a outra, cingindo a frente e caindo até o queixo, tipo de rede com cordões e nós. Desta forma, não se podia reconhecer os traços de seu rosto. Certa vez, um sumo sacerdote de Jerusalém não reconheceu a própria mãe, quando lhe aplicou a sentença prescrita para a mulher acusada de adultério. (JEREMIAS, 1986, p.473-474).

Percebe-se com isso, como foi uma tarefa difícil para Jesus romper com preconceitos tão categóricos com relação à mulher. Provavelmente, seus próprios seguidores, homens, devem ter tido dificuldade de aceitação com relação à participação das mulheres na vida prática do ministério de Jesus. De modo que, a posição de Jesus em relação às mulheres promoveu transformações na vida das mesmas, dentro da sociedade em que estavam inseridas, as quais são relatadas por Jeremias (1986).

Somente a partir desta perspectiva da época é que podemos apreciar devidamente a posição de Jesus em face da mulher (Lucas 8:1-3); Mc 15,41 e par. (cf. Mt 20,20) falam das mulheres que acompanhavam Jesus; trata-se de um fato sem precedente na história da época. O Batista pregou às mulheres (Mt 21,32) e batizou-as; Jesus altera conscientemente os costumes, deixando que algumas o sigam. Por assim proceder é que exige dos discípulos a atitude de pureza que supera qualquer desejo: “Quem olhar para uma mulher [casada] com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mt 5,28). Jesus não se contenta de elevar a mulher acima do nível em que a tradição a mantinha; enquanto Salvador, enviado a todos (Lc 7,36-50), coloca-a em pé de igualdade com o homem (Mt 21,31- 32). (JEREMIAS, 1986, p.494).

As mulheres atuavam em ministérios de orações; ministérios de instrução para mulheres mais novas (a ser boas mães e esposas), etc. Para Alexandre (1993) e Fiorenza (1992) as mulheres foram instrumentos para continuar o movimento iniciado por Jesus.

Algumas delas são mencionadas até pelo nome - Maria Madalena, de quem tinha sido expulsas sete demônios; Joana, mulher de Cuza, alto funcionário do governo de Herodes, Suzana e outras mulheres que não só o acompanhavam, mas cooperavam com suas fazendas para a manutenção do seu ministério (Lucas 8.1-3). Elas o serviam: “Então Maria, tomando uma libra de unguento de nardo puro, de muito preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhe com os cabelos; e encheu-se a casa do cheiro do unguento”. (João. 12:3). Faz-se, necessário, delinear o termo “servir”.

Podemos dizer que tal designação, logo, remete-se a uma situação e/ou serviço, servil, “criado” de um “patrão”. Todavia, no contexto acima, compreende-se que devido à devoção das mulheres com relação a Cristo e do Seu confesso bom tratamento com as mesmas, o conceito em questão “servir”, conota seu significado comum, pois, as mulheres “serviam” a Jesus em ministérios específicos, elas o serviam de livre arbítrio.

Nos Evangelhos de Mateus cap.27 vers. 55-56 e Lucas cap.23 vers.49, encontra-se o registro da presença das mulheres que o tinham seguido desde a Galileia, para servi-lo. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José e mãe dos filhos de Zebedeu. Em muitas ocasiões, Jesus Cristo quebrou o protocolo e confrontou a lei judaica em relação às mulheres. Esses episódios encontram-se descritos em alguns dos livros do Novo Testamento: Aceitou ser beijado e ter os pés ungido com óleo de um vaso de alabastro, por uma mulher vista como pecadora, e perdoou o seu pecado (Lucas 7.36); Conversou sozinho com uma mulher samaritana, e lhe ofereceu a vida eterna (João 4.6-30). Havia uma grande rivalidade entre judeus e samaritanos motivada por diferenças políticas, culturais ou raciais, contudo era a religião que mais os dividia, pois os samaritanos não prestavam culto em Jerusalém, motivo pelo qual não era permitido um judeu conversar com samaritanos; Perdoou uma mulher pega em flagrante adultério (João. 8.1-11). De acordo com a lei havia várias formas de punição para o adultério. A aplicação da pena dependia do caso, e nessa situação a forma de punição era o apedrejamento até a morte.

Neste sentido, é necessário acrescentar que mesmo Jesus Cristo procurando valorizar as mulheres, estas ainda sofriam os resquícios de um passado remoto e pode-se dizer também atual em que deveriam perpetuar sua condição servil e também não deixando de serem responsáveis por oferecer ajuda. As mulheres envolvidas no ministério de Jesus ousaram desafiar as estruturas do poder de uma sociedade patriarcal. Não podemos esquecer que Jesus Cristo viveu num contexto social patriarcal e, provavelmente, tinha influência deste contexto. Tepedino (2002), define o movimento de Jesus como inclusivo e igualitário:

Portanto, o movimento de Jesus se caracterizava por relações de igualdade, de equivalência, de paridade. Somos diferentes mulheres e homens, gregos e judeus, escravos e senhores, mais temos o mesmo valor. Essa paridade que caracterizava essa experiência numa sociedade assimétrica, desigual, injusta, na qual dominava o poder religioso profundamente patriarcal, era certamente algo que despertava muito interesse, principalmente nos marginalizados de todas as espécies, principalmente as mulheres. Na verdade, a presença das mulheres no movimento começava a provocar dificuldades e discussões (cf. 1cor 14,34-35; 1tm 2,9-15).

Mesmo com o “caráter igualitário” que Cristo queria construir com relação as mulheres, não se pode deixar de mencionar a sociedade falocêntrica e patriarcal na qual a figura feminina sempre esteve inserida, sofrendo, então, várias restrições machistas, como aquela que tinha que ser submissa e sem atuação social. Supõe-se então que esta igualdade também tinha limitações, pois o próprio Jesus havia nascido dentro de uma sociedade patriarcal onde a figura do homem era exaltada acima da mulher, sendo assim o mesmo como um ser cultural não estava totalmente imune ao patriarcalismo da época. Neste contexto, dialoga-se com a contemporaneidade, pois mesmo em tempos modernos muito ainda se discute sobre os avanços femininos seja numa esfera política, religiosa, profissional, etc., de maneira que, se realmente a mulher estivesse livre de um passado preconceituoso quanto a sua condição de gênero não seria tão necessário ficar enfatizando, constantemente, seu crescimento dentro do espaço social.

Ainda que o posicionamento de Jesus em relação às mulheres e a outros excluídos tenha apresentado características de um movimento de inclusão social, há divergências entre alguns autores a respeito de haver ou não igualdade em relação ao gênero. Para autores Thiessen e Merz (1996) embora houvesse elementos inclusivos, o movimento de Jesus tinha uma linguagem andocêntrica e uma postura patriarcal e citam como exemplo dessa postura por parte de Jesus a escolha de doze discípulos masculinos como representantes da nova Israel. Porém pautamos o gênero neste estudo na perspectiva de Louro (1997), quando diz que o mesmo surgiu como uma ferramenta de análise para melhor compreender as relações entre homens e mulheres, em uma determinada sociedade e momento histórico. Tem grande importância, pois procura indicar que certos modelos de conduta e expectativas para homens e mulheres, são construídos socialmente através dos tempos, e não determinados pelo sexo fator biológico, e diante disso, podem ser modificados.

Nestas lentes históricas, ser mulher e assumir uma liderança que por séculos eram desempenhadas por homem, é uma grande conquista, pois consideramos que o gênero refere-se às construções sociais com base nas diferenças sexuais que determinam o papel que se

atribui às mulheres e homens numa cultura específica, sendo dinâmico e está centrado nas relações de poder entre homens e mulheres. Permite determinar as desigualdades entre homens e mulheres em todos os âmbitos, e está baseado num processo pedagógico que inicia na família, nas comunidades, na escola e nos meios de comunicação, e que chamamos de socialização de gênero os seres humanos não nascem sabendo como ser homem ou mulher, e com uma ou outra característica, isso vai se desenvolvendo pelo aprendizado no decorrer de nossa vida, principalmente pelas experiências e vivências sociais.

Metodologia

Por entender que a pesquisa qualitativa possui um caráter social, possibilitando ao investigador o entendimento relevante acerca do estudo em questão, adotamos esse tipo de pesquisa como método a ser desenvolvido neste trabalho. Ludke (1986, p.12) traz que,

O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

Percebe-se que, enquanto pesquisador deve-se ter a clareza da necessidade de encontrar e capturar os anseios e as perspectivas dos indivíduos participantes do processo. Vale salientar que os pressupostos sugeridos pela pesquisa qualitativa permitem fazer uma busca subjetiva sobre o assunto. Segundo Minayo (2007, p. 22),

A abordagem ainda aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações médias e estatísticas.

Faz-se necessário registrar que a pesquisa qualitativa não se detém na busca de dados numéricos, mas procura averiguar pela compreensão da realidade humana, os aspectos da vida social que diferem as ações dos homens. Essa investigação tem como objeto de estudo a importância da liderança feminina nas igrejas evangélicas na perspectiva de gênero, para tanto, escolheu-se como modalidade da pesquisa qualitativa a pesquisa bibliográfica e a análise documental. Este estudo se desenvolveu a partir da escolha do tema e, conseqüentemente, foi realizado uma catalogação das fontes bibliográficas, definindo um plano de leitura, onde orientou o trabalho no processo de construção, com leituras, discussões, fichamentos que embasaram e fomentaram a produção do mesmo.

Resultados e discussões

No percurso histórico a liderança feminina nas igrejas evangélicas aparece como o

ato de servir, como dito anteriormente servir não mais relacionado à servidão, mas ao livre arbitrio proposto pelo cristianismo. Servir nas igrejas está relacionado a assunção de um ministério. A palavra ministério (do latim, ministerium) significa serviço “função servil”, no dicionário de língua portuguesa encontramos também outros significados para tal palavra como: incumbência, função de ministro, órgãos da administração política, conjunto de ministros de Estado, missão e outros.

Nesta abordagem inicialmente, faz-se necessário entender o que é ministério de Jesus, e para isso é preciso conhecer de que forma esse ministério era exercido, as suas principais características e principalmente esclarecer qual era a posição de Jesus em relação as mulheres da sua época. Os relatos dos Evangelhos de Lucas, Mateus, Marcos e João que têm como foco principal o ministério de Jesus, traz-nos informações importantes a esse respeito. No livro de Mateus cap. 4, v. 23 encontra-se o seguinte relato:

E percorria Jesus toda Galiléia, ensinando nas sinagogas, e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. (BÍBLIA, 2003, p. 934).

Esse relato do evangelista Mateus apresenta três características que qualificam o ministério de Jesus como um ministério de ensino, pregação e cura. Como vimos anteriormente as mulheres passaram a fazer parte dos ministérios de Jesus, atuando como orientadores de mulheres mais novas com relação a ser boa mãe e esposa; também propiciando guarida aos cristãos em suas casas; etc. e numa posição mais específica da missão de Jesus, passaram a evangelizar através das orações, isto corroborou para a expansão dos ensinamentos de Jesus a partir das mulheres que conhecendo os ensinamentos e doutrinas passaram a outros cristãos, a exemplo de Priscila que juntamente com o esposo, Áquila, passou a doutrina para outras pessoas, assim como, para um intelectual e culto homem de Alexandria chamado Apolo: “... Quando o ouviram, Priscila e Áquila o levaram consigo e lhe declararam mais precisamente o caminho de Deus”. (BÍBLIA, At. 18:26 p. 1090).

As mulheres da igreja de Jerusalém desempenharam um papel tão essencial de evangelização e outras atividades espirituais, como ensinando, batizando, liderando orações públicas, etc., que sofreram perseguição (por Saulo) juntamente com os homens, como relatado em Atos 9:2.

Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão (Atos 8:3); E pediu-lhes cartas dirigidas às sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens, quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém (BÍBLIA, 2003, p. 1077).

Ainda neste âmbito, Mata (2010), ratifica a participação relativamente ativa das mulheres no Cristianismo primitivo. Assim, especialmente em Corinto, algumas desempenharam papel de liderança, atuavam em ministérios fundamentais para o trabalho a ser realizado pela igreja, vejamos alguns exemplos:

Ministério da hospitalidade “E certa mulher chamada Lídia, vendedora de púrpura e que servia a Deus, nos ouvia, o Senhor lhe abriu o coração para estar atenta ao que Paulo dizia” (Atos 16:14); Ministério da Palavra: “Ele começou a falar ousadamente na sinagoga; e, quando o ouviram Priscila e Áqüila, o levaram consigo e lhe declararam mais precisamente o caminho de Deus”. Assistência social: “Havia em Jope uma discípula chamada Tabita, que traduzida quer dizer Dorcas. Esta estava cheia de boas obras e esmolas que fazia” (Atos 9:36) (BÍBLIA, 2003, p.1078).

Paulo admite a oração e a interpretação das escrituras (profecia) por mulheres no culto público da Igreja de Corinto, mas com o reconhecido sinal da submissão feminina, o véu. Naqueles tempos, tanto na cultura helênica como na judaica, o véu era sinal de que a mulher estava compromissada com um homem ou sob sua autoridade: a casada, submissa ao marido; a solteira, a seu pai. A esse respeito o teólogo Clark (1824), declarou:

Qualquer que seja o significado de orar e profetizar, quando toca no homem, eles têm exatamente o mesmo significado quando toca na mulher. De modo que pelo menos algumas mulheres, tão bem como alguns homens, poderiam falar aos outros para edificação, exortação e consolação. E este tipo de profecia ou ensino foi predito por Joel 2:28, e Pedro fez referência em Atos 2:17. Se tais dons não fossem concedidos às mulheres, a profecia não podia ter sido realizada (CLARK, 1824, p. 250).

Percebe-se claramente que as participações das mulheres nas atividades religiosas eram controladas pela figura masculina no caso do apóstolo Paulo. Era um tipo de liberdade “vigiada.” Porém na contemporaneidade esta vigia foi quebrada pelo empoderamento feminino, no qual o papel da liderança em espaços públicos e privados enaltece o gênero, considerando os dizeres de Louro (1997), o gênero é uma construção social, o qual sofre alterações de acordo com as épocas e lugares, dependendo dos costumes, das experiências cotidianas, variando de acordo com as leis, as religiões, o ambiente da vida familiar, a visão política de cada povo ao longo da história.

Considerações Finais

Diante da abordagem realizada, depreende-se que, no tocante a participação e

condição da mulher nos primórdios da igreja é traçado um perfil de mulheres ativas, dedicadas e com ministérios específicos, citados anteriormente. Aqui não se aprofundou nas restrições pelas quais estas mulheres devem ter passado na cooperação dos ministérios, por exemplo, porém, tem-se a ciência de que elas devem ter percorrido um caminho regado aos modelos de opressão e discriminação do gênero. Com certeza essas mulheres enfrentaram grandes dificuldades, ao ousarem buscar a igualdade, que ainda hoje é almejada, dentro de um contexto histórico cultural marcado pelo machismo dominante.

Apesar destas restrições que as mulheres da Igreja em época apostólica eram submetidas tinham grandes responsabilidades e o reconhecimento por parte da comunidade cristã. É importante lembrar que ainda nos dias de hoje, existem seguimentos religiosos que impõem regras de vestimenta e adornos as mulheres. Desta forma, a afirmação de Edwards confirma a atuação e o papel das mulheres no Novo Testamento:

Elas são assinaladas como aquelas que com coragem se postaram junto da cruz quando os homens tinham fugido (Mateus 27:55, 56), foram as primeiras a ir ao túmulo e, em decorrência disso, foram as primeiras a serem recompensadas com o privilégio de encontrar-se com o Cristo ressurreto (Marcos 16:9). Elas demonstraram um discernimento e uma fé que não se manifestaram nos homens por muito tempo. (EDWARDS, 1996, p.76)

Vê-se que desde a era apostólica, inícios do Cristianismo surgiram mulheres capazes de transformar a sua realidade, ou seja, a sua condição de submissão e inferioridade. Uma questão que dificilmente seria desfeita em meio a uma era patriarcal, pois, mesmo nos dias atuais ainda se vive os resquícios de uma história em que o homem era considerado superior a mulher, mas isso, não impede a luta constante das mulheres pela ocupação de espaços antes restrita somente aos homens. Na contemporaneidade a mulher tem conquistado posições de destaque em espaços da sociedade que até há pouco tempo em um passado não tão distante eram exclusividade do homem. Todavia, com o passar do tempo, dentro das igrejas evangélicas a mulher, mesmo no meio de uma cerrada cruzada fundamentalista, tem conquistado seu espaço. No Brasil, denominações como Exército da Salvação, Igreja do Evangelho Quadrangular, Episcopal Anglicana, Metodista do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana, Presbiteriana Unida e uma infinidade de comunidades de pentecostais livres ordenaram mulheres aos diferentes níveis de liderança.

Referências

ALEXANDRE, Monique. **Do anúncio do Reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos.** In Georges Duby; Michelle Perrot. História das Mulheres no Ocidente. Vol. 1 - A Antiguidade. Porto: Afrontamento, 1993;

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2003;

CLARK, Adam - **O Novo Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo**, vol. II- Romanos às Revelações, Nashville, Abingdon, 1824;

COLLINS, Michael. **História do Cristianismo 2000 anos de Fé.** Edições Loyola, 2000;

EDWARDS, Brian. **Homens, mulheres e autoridade: servindo juntos na igreja.** São Paulo: Edições Paulinas 1996;

FIORINZA, E.S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica.** Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992;

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém nos tempos de Jesus.** São Paulo, Edições Paulinas, 1986;

LINDBERG, Carter. **Uma Breve História do Cristianismo.** São Paulo, Loyola, 2008;

LOURO, Guacira Lopes. A Construção Escolar das Diferenças. In: **Gênero, Sexualidade e Educação – uma perspectiva pós-estruturalista.** 8ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, E.P.U., 1986;

MACHADO, João Pedro. **Dicionário onomástico etimológico da Língua Portuguesa.** Lisboa: Horizonte/Confluência; 2003;

HENGEL, Martin. **Atos e a História do Cristianismo Mais antigo.** Filadélfia: Fortress Press, 1999;

MATA, Sérgio da. **História e Religião.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010;

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 4. ed. São Paulo, 2007;

MONDONI, Danilo. **História da Igreja na Antiguidade.** São Paulo, Loyola, 2006;

TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo.** São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004;

TEPEDINO, Ana Maria de Azeredo Lopes. **Jesus e seu movimento inclusivo.** São Paulo, Loyola, 2002;

THIESSEN, Gerd; MERZ, Annete. **O Jesus Histórico: Um Manual,** São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996.